

## **Construção do conhecimento agroecológico na extensão rural: aeducação agroflorestal no fortalecimento da educação em agroecologia**

*Construction of agroecological knowledge in rural extension: agroforestryeducation in strengthening Education in Agroecology*

Gisele Santos Pompeu<sup>1</sup>, Mayko Carmo Bastos<sup>1</sup>

<sup>1</sup>UFPA – Campus Universitário de Cametá

### **Resumo**

As reflexões para a educação em agroecologia internadas nesse texto abrangem o registro das inscrições de famílias camponesas sobre a Extensão Rural no manejo dos SAF's (Sistemas Agroflorestais) na comunidade Pacajá, município de Cametá-Pará. A investigação sobre a percepção demonstrou que as famílias exigem abordagens pautadas na dialogicidade e natroca de saberes. Destaca-se a Educação Rural Agroecológica fundamental nestas ações, em que prevalece o respeito a vida, a diversidade e a complexidade do campo e das relações humanas. Para tanto, faz-se necessário pensar os sistemas produtivos ao longo do tempo, a partir do conhecimento popular integrado ao conhecimento científico, fortalecendo a Comunicação e a Educação Agroflorestal em detrimento da “Extensão”, tornando concreta a Educação em Agroecologia.

Palavras chave: Agricultura camponesa; Saber Tradicional; Educação do campo.

### **Abstract**

As reflexões para a educação em agroecologia internadas nesse texto abrangem o registro das inscrições de famílias camponesas sobre a Extensão Rural no manejo dos SAF's (Sistemas Agroflorestais) na comunidade Pacajá, município de Cametá-Pará. A investigação sobre a percepção demonstrou que as famílias exigem abordagens pautadas na dialogicidade e natroca de saberes. Destaca-se a Educação Rural Agroecológica fundamental nestas ações, em que prevalece o respeito a vida, a diversidade e a complexidade do campo e das relações humanas. Para tanto, faz-se necessário pensar os sistemas produtivos ao longo do tempo, a partir do conhecimento popular integrado ao conhecimento científico, fortalecendo a Comunicação e a Educação Agroflorestal em detrimento da “Extensão”, tornando concreta a Educação em Agroecologia.

Palavras chave: Agricultura camponesa; Saber Tradicional; Educação do campo.

### **Introdução**

O presente resumo é fruto do projeto de pesquisa intitulado “Educação Agroflorestal para a Construção do Conhecimento Agroecológico na Agricultura Camponesa de Cametá- PA.”, vinculado ao Grupo de Estudos em Educação do Campo, Agroecologia e Economia Solidária da Faculdade de Educação do Campo, na UFPA-Cametá. As reflexões para a promoção da educação em agroecologia discutidas no texto abrangem o registro das percepções de famílias camponesas sobre a Extensão Rural no manejo dos

SAF's na comunidade Pacajá, município de Cametá-Pará.

A experiência de Educação em Agroecologia aqui relatada destaca a possibilidade de uma Extensão Rural que atenda as reais demandas socioeconômicas, ambientais e culturais dos camponeses, que valoriza os saberes tradicionais, considerados aspectos fundamentais para a transição do modelo difusionista para a ERA (Educação Rural Agroecológica), que lança mão da Educação Agroflorestal como prática extensionista.

Apesar de a Extensão Rural ser uma atividade fundamental no Campo, nem sempre ocorre sob a óptica das famílias, sendo comum desconsiderar os Sujeitos do Campo detentores de conhecimento, fato que resulta no insucesso de muitas atividades e na insatisfação por parte de camponeses e extensionistas. Por outro lado, os conhecimentos da 'extensão', quando dialogados com os conhecimentos dos camponeses, motiva a construção de um novo conhecimento, que promove resultado significativo e eficaz para os sujeitos.

Assim, as ações educativas apontadas na pesquisa poderão colaborar na compreensão de pesquisadores, extensionistas e estudantes no Território do Baixo Tocantins, sobre as possibilidades de Educação na Extensão Rural aperfeiçoando procedimentos de abordagem junto às famílias que manejam Saf's, além de refletir com os estudantes a necessária Comunicação Dialógica na Extensão Rural, sob pena de prevalecer modelos difusionistas, fundamentados do mero repasse das informações. A pergunta que instigou a pesquisa foi: a Extensão Rural desenvolvida com as famílias que manejam SAF's na comunidade Pacajá ocorre na perspectiva da Educação Agroflorestal?

### **Descrição e reflexão sobre a experiência**

O estudo realizado em junho de 2021 com quinze famílias que manejam SAF's destacou o expressivo número de instituições que realizaram, em alguma medida, atividades de extensão na comunidade Pacajá (sete ao todo), entre universidades, instituições de aprendizagem rural e de ATER-Assistência Técnica e Extensão Rural. Todas as famílias afirmaram que as ações extensionistas ocorrem esporadicamente. Destacaram ainda, a importância dessas instituições para o desenvolvimento no Campo, assim como o desejo que a presença delas seja mais constante, e de acordo com as demandas locais.

No que diz respeito às atividades desenvolvidas na Comunidade, as áreas

de Ciências Agrárias e Ciências da Natureza receberam destaque nas falas dos/das entrevistados, e denota o relevante papel das instituições no fortalecimento do tripé ensino-pesquisa-extensão. Sobre esse aspecto, Rayol e Alvino Rayol (2019) destacam o relevante potencial das atividades de extensão integradas ao ensino e a pesquisa na construção da educação em agroecologia, o que leva os estudantes a compreender melhor a realidade da agricultura camponesa, além de estimular visão crítica a partir das experiências vivenciadas.

As investigações e práticas relacionadas à sustentabilidade predominam na Comunidade, sobretudo quanto à agroecologia, cujas pesquisas ganham caráter identitário junto às famílias. Diversos termos científicos de uso acadêmico são parte do cotidiano das famílias no manejo dos SAF's, e validados nas experimentações e saberes acumulados ao longo de gerações. Logo, mexer com a autoestima dos sujeitos torna-se primordial, para se reconhecerem detentores de conhecimentos valiosos que, somados ao saber científico apontam soluções para os problemas cotidianos no Campo.

O fato de as experiências com SAF's não ser uma prática recente para as famílias de Pacajá, proporciona a elas profundo conhecimento sobre as práticas agroecológicas, sem necessariamente utilizar conceitos elaborados nos meios acadêmicos. Quando indagadas se as ações extensionistas consideram esses saberes sobre as orientações fornecidas, a maioria afirmou que raramente opinam, pois se sentem intimidados perante o conhecimento dos técnicos e a maneira como “ensinam”, portanto, os entrevistados demonstraram elevado nível de insatisfação sobre esse item (Figura 1).

Figura 1 Nível de satisfação com a Extensão Rural nos SAF's na comunidade Pacajá, Cametá-Pará.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Esse resultado coaduna com o fato de as famílias afirmarem o fraco diálogo estabelecido entre os extensionistas e as famílias, elas consideram que as orientações são fornecidas no sentido de ensinar, e somente às vezes os conhecimentos das famílias sobre o manejo dos sistemas são considerados.

Muitas vezes os técnicos chegam aqui ‘pra’ ensinar como deve plantar e cuidar, fazer isso ou aquilo, como se a gente não soubesse também. Parece até que a gente não conhece as nossas plantações. Eu acho que falta eles ‘conversar’ mais com as pessoas (Agricultora familiar, 38 anos, ensino fundamental, 2021).

Apesar das limitações na escuta e no diálogo, os resultados demonstraram avanços quanto aos princípios e de diretrizes da agroecologia nas atividades de extensão, especialmente quanto às atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, que ratificam os SAF como práticas agroecológicas de respeito à vida, à diversidade, complexidade e transformação dos sistemas produtivos ABA (2013). Esses princípios indicam que os processos educativos em agroecologia, orientam a sustentabilidade, a autonomia, o reconhecimento dos territórios e dos sujeitos, e o reconhecimento das práticas dos agricultores.

Ao serem indagadas sobre esse tema, as famílias relataram algum nível de satisfação com a extensão, apesar de prevalecer o percentual de famílias ainda insatisfeitas ou medianamente satisfeitas (Figura 1). Por outro lado, elas se mostraram muito insatisfeitas quanto à orientação ao crédito para a implantação e manejo dos SAF's e sobre como manejar as árvores, e as possibilidades de obtenção de PFM-Produtos Florestais Não Madeireiros (Figura 1). Pompeu et al. (2021), destaca que a assistência técnica oficial, geralmente mostra limitações em assessorar agroecossistemas complexos, cujas orientações poucos são voltadas às espécies arbóreas, gerando frustração nos produtores.

Os resultados demonstraram que poucas famílias aplicam as orientações fornecidas pelos extensionistas e se mostraram muito insatisfeitas com as abordagens nas atividades de Extensão. Isso pode explicar, em parte, o elevado percentual de famílias da Comunidade que não busca pelos serviços de ATER

(Figura 1), pois, não se sentem contempladas em suas demandas, especialmente no modo como os extensionistas se comunicam. Somado a isso, o baixo investimento nos programas governamentais Pronaf agroecologia, Pronaf Eco e Pronaf Floresta, voltados à implantação, manutenção e comercialização dos produtos agroflorestais; a ausência de informação às famílias sobre as possibilidades de crédito; e a necessidade de investimentos nos serviços e formações em ATER, configura parte dos desafios para a educação agroflorestal e a construção do conhecimento agroecológico.

Diante desses resultados, se observou que a regularidade nas atividades de Extensão, o atendimento às demandas locais, aliado à escuta das famílias e a valorização dos saberes tradicionais, são imprescindíveis no estabelecimento da confiança na relação do/da agricultor com a/o extensionista (educador-educando-educador). Na percepção dos entrevistados, essas características são fundamentais para um bom profissional da Extensão Rural (Figura 2).

Figura 2. Características desejáveis em um extensionista rural, na percepção das famílias de Pacajá, Cametá-Pará.



Fonte: Adaptado de Martins (2017).

Logo, as famílias de Pacajá demandam um contato mais participativo e dialógico com o Campo, visto que, compreendem os sistemas para além da óptica comercial, considera-se em grande medida, o caráter ambiental, social e cultural das comunidades, assim como cada vez mais o caráter político e

educativo na produção dos alimentos.

### **Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia**

A experiência relatada na pesquisa denota que a partir da relação educador-educando, é possível construir o processo educativo por meio da produção de um novo conhecimento, necessário e eficaz sob o ponto de vista dos sujeitos, com efetivo resultado das ações propostas na Extensão Rural. Nesse sentido, Penereiro (2013) destaca que o/a educador/a precisa ser reconhecido como importante no processo, mas não como aquele que ensinou.

Logo, a Extensão Rural não se concretiza na ‘extensão’ de conhecimentos de um sujeito que tudo sabe para outro que nada sabe, mas sim, na troca de conhecimentos entre educadores, e, de acordo com Freire (1983, p.52), numa perspectiva libertadora. Tal perspectiva emancipatória, discutida pelo autor na obra “Extensão ou Comunicação?”, traz o repensar sobre o modelo difusionista historicamente utilizado na Extensão Rural, e reforça a necessidade de uma transformação nessas atividades no Campo, cuja experiência aqui relatada, sugere o diálogo com os princípios e diretrizes para uma Educação em Agroecologia.

Destaca-se, a Educação Rural Agroecológica fundamental nas ações extensionistas, em que prevaleça o respeito a vida e a diversidade e complexidade dos sistemas produtivos e das relações humanas.

A Extensão Rural Agroecológica (ERA), discutida por Caporal (1998) e ratificada por Dambróz (2014), propõe a valorização e implementação dos conhecimentos camponeses nas atividades de Extensão Rural, visando a autogestão dos agroecossistemas numa perspectiva de desenvolvimento sustentável das comunidades e, que contraponha a ‘extensão’ como uma mera transferência de conhecimento técnico. A ERA situa a agroecologia como alicerce da Nova Extensão Rural, e adota a Educação Agroflorestal como instrumento norteador nas atividades extensionistas, ou seja, o processo de educação pautado na agroecologia vai muito além de ‘levar técnicas’ de transição agroecológica.

A Educação Agroflorestal é entendida como processos educativos de formação para práticas agroflorestais. As famílias são instigadas a refletir sobre

suas experimentações, práticas cotidianas e os reflexos de suas ações sobre o ambiente. Logo, a ação extensionista é pensada conjuntamente (educador-educando), e a partir das percepções são compreendidos valores culturais, expectativas, satisfações e insatisfações dos camponeses, que refletirão sobre o modo como manejam os recursos.

Nesse esforço é impossível desconsiderar o movimento da Educação do Campo, e o movimento da Agroecologia como fortalecedores da ERA, visto que, de acordo com Ferrari e Oliveira (2019)- “são movimentos fortemente vinculados a fontes ancestrais de conhecimento e de revalorização do saber popular como fonte de inspiração para modelos sustentáveis no Campo.” Logo, o desafio que se estabelece na Extensão Rural é problematizar os conteúdos que permeiam o universo agroflorestral dos camponeses, permitindo interagir por meio da ação-reflexão, e conjuntamente buscar soluções aos problemas. Para tanto, faz-se necessário pensar os sistemas produtivos a partir do conhecimento popular integrado ao conhecimento científico, fortalecendo a Comunicação e a Educação Agroflorestral em detrimento a ‘Extensão’.

### **Considerações finais**

A investigação sobre a experiência vivenciada permitiu constatar baixa satisfação com a Extensão Rural na Comunidade Pacajá, apontando para a necessidade de abordagens pautadas na dialogicidade e reciprocidade entre os diferentes saberes (tradicional e científico), de modo a consolidar a construção do conhecimento agroecológico tendo a Educação Agroflorestral como prática extensionista. Ademais, o fortalecimento de alianças com as atividades de ensino, pesquisa e extensão configura ferramenta importante na valorização das experiências e saberes dos camponeses.

Desse modo, há necessidade de maiores investimentos em políticas públicas voltadas à qualificação profissional nos serviços de Extensão Rural para a agroecologia. Para isso é imprescindível a valorização dos conhecimentos tradicionais dos camponeses nas atividades extensionistas. Assim, a partir da experiência vivenciada sugere-se como novos princípios e diretrizes gerais para a Educação em Agroecologia, a escuta sobre as demandas das famílias camponesas em suas expectativas, satisfações, insatisfações e a educação agroflorestral como princípio educativo na atividade de Extensão Rural, de modo a viabilizar a

sensibilização de sujeitos formadores e disseminadores de práticas agroflorestais, tornando concreta a Educação em Agroecologia.

### **Agradecimentos**

A Universidade Federal do Pará e a Faculdade de Educação do Campo pelo apoio logístico, aos estudantes participantes do projeto de pesquisa, e às famílias camponesas pela valiosa partilha de conhecimentos.

### **Referências**

ABA-Associação Brasileira de Agroecologia. I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM AGROECOLOGIA: CONSTRUINDO PRINCÍPIOS E DIRETRIZES. Recife, 2013.

CAPORAL, F. R. **La extensión agraria del sector público ante los desafíos del desarrollo sostenible: el caso de Rio Grande do Sul, Brasil.** 1998. 516 f. Tese (Doutorado em Sociología y Estudios Campesinos)-Universidad de Córdoba, 1998.

DAMBRÓS, O. **Extensão Agroecológica Desenvolvida Através de Redes Locais de Organizações da Agricultura Familiar e Camponesa no Estado do Paraná.** 2014. 583 f. Tese (Doutorado em Agroecologia)- Universidade de Córdoba, 2014.

FERRARI, E. A.; OLIVEIRA, M. M. Educação do Campo e Agroecologia: possibilidades de articulação a partir da identidade e diversidade em suas concepções e práticas. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 4, p. 1-26, 2019.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1983, 93p. 7ª ed.

MARTINS, P. B. **Educação agroflorestal de agricultores: aspectos pedagógicos e metodológicos sob a perspectiva de educadores.** 2017. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

RAYOL, B. P.; ALVINO-RAYOL, F. de O. Integração ensino, pesquisa e extensão agroflorestal na Amazônia central. **Revista Extensão em Foco**, Paraná, n. 19, p. 1-10, Jul. Dez. 2019.

PENEREIRO, F. M. **Educação na Contemporaneidade: nutrindo-se com a experiência da Escola da Floresta.** 2013. 592 f. Tese (doutorado em ciências florestais)- Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Piracicaba, 2013.

POMPEU, G. do S. dos S.; SANTOS V. de P. da S.; PINTO, E. da S.; RODRIGUES, R. dos P. Manejo de agroflorestas na Amazônia tocantina:



percepções de famílias agricultoras para a educação agroflorestal. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 16, n. 1, p. 41. 2021.